

JOSÉ FIRMINO DA SILVA

Renata de Lima Silva
Doutoranda em Artes
Unicamp / Fapesp / Capes

Palavras-chave: pesquisa em arte, pesquisa de campo e cultura popular

Seu Firmino na verdade não é pernambucano, é baiano, de São Félix. Mas, mesmo se fosse de Pernambuco, em São Paulo, onde mora há muitos anos, seria baiano. É assim que dizem dos nordestinos de toda ordem, até mesmo se o caboclo for paraense, é baiano. Pro Seu Firmino tudo bem, seria tão pernambucano quanto é paulistano. Muito embora não se esqueça do som e nem do cheiro do rio Paraguaçu, que divide São Félix de Cachoeira. Foi lá que o velho passou boa parte da vida... Talvez nem tão boa assim, mas é com saudade que ele conta que foi no Recôncavo Baiano que comeu no mesmo prato: samba, capoeira e candomblé.

A fala mansa, o semblante tranqüilo, o sorriso branco e jovial enganam, o velho é malvado e cheio de mandinga. Uns acreditam que tem cinquenta; outros que já passou dos setenta; só por brincadeira repetem despercebidos que *“preto quando pinta tem três vez trinta”*. Sobre esse assunto Seu Firmino nada diz, desconversa, faz-se de desentendido. Hum! Eu bem sei, e de fontes seguras, que o ancião deve estar por completar seus quatrocentos e tra lá lá anos de peregrinação por essas terras do Brasil.

Foi um Preto Velho do terreiro do Pai Mané que me contou, disse que em vida ocupavam a mesma senzala e que naquela época o velho já era velho. Disse também que foi na travessia do mar que um feiticeiro kimbundo fechou seu corpo.

Quando era menina não tinha muita paciência com o velho, ele “comia água” e desandava a contar histórias. Eu, criança, achava que era coisa pra criança. Um dia o mano mais velho falou, com todo meu apoio, que não queríamos mais ouvir aquelas lorotas, que gostávamos das histórias de terror. Caçamos do velho, dissemos que ele não conseguiria botar medo nem no caçula, éramos muitíssimos corajosos.

Desafiado, o velho fixou o olhar e como que curado do porre nos levou pro quintal, pra longe da mãe, que dizia que história de terror faz criança fazer xixi na cama.

O velho, com o olhar transitando por dentro dos nossos olhos, contou com detalhes a história de um caçador, que, quando se preparava pra dar o bote na caça que serviria de oferenda para os mortos, viu a luz se apagar. A corinhada na cabeça de fato o tinha deixado zonzinho, mas o balanço, a tontura e o enjôo eram mesmo do navio.

O caçador caçado, com a visão um pouco turva pode reconhecer sua desgraça pelo cheiro. Vômito, suor, urina, fezes, carniça... O homem ainda pôde se lembrar da obrigação que deixou por fazer antes de se entregar à dor.

Senti que não poderia conter a urina, quando o velho, de supetão, se levantou e investiu pra cima da gente, a fim de simular as chicotas que o caçador foi submetido. Imaginei que isso devia doer muito mais do que as lambadas que a mãe nos dava com a espada de São Jorge¹.

Quando vovô tornou-se a sentar, ofegante por causa do esforço da mímese, interrompeu a narrativa para recuperar o ar, nesse momento vi uma única gota d'água rolar pelo rosto do ancião. Se não fosse pela vergonha das calças mijadas, me levantaria e sairia gritando por minha mãe; mas os manos iam mangar de mim pro resto da vida.

Seu Firmino prosseguiu, reconstruindo a rotina do caçador escravizado. Mesmo sendo eu apenas uma menina amedrontada, pude perceber a veracidade do que estava sendo dito. Afinal, conhecia de cor e salteado as histórias pra boi dormir e os feitos de Besouro Mangangá², que o velho quando cachaçado gostava de nos contar.

¹ Planta doméstica, a qual se acredita ter força de proteção. No sincretismo está ligada ao orixá Ogum e a São Jorge.

² Besouro Mangangá: Manoel Henrique Pereira (1897-1924), Besouro Mangangá ou Besouro Cordão de Ouro foi um lendário capoeirista da região de Santo Amaro, Bahia. Muitos e grandiosos feitos lhe são atribuídos. Diziam que não gostava da polícia (que diversas vezes frustrou-se ao tentar prendê-lo), que tinha o "corpo fechado", que balas e punhais não podiam feri-lo.

Qual não foi o meu alívio quando o mano velho levantou-se em desespero, com a bermudinha toda molhada gritando pela mãe. Eu e o caçula só fizemos copiar. A mãe ralhou com o velho, foram semanas de xixi na cama todos os dias.

O velho que nunca dava o braço a torcer irritou-se: - *Onde já se viu criança mole desse jeito, que só de ouvir falar das agruras da vida, esmorecem, é bom mesmo esses cafiotos ouvirem essas histórias para aprenderem a dar valor à boa vida que tem. Já que a mãe só fazia mimar...* A mãe calou o ressentimento pela prole, pois nesse ponto o velho tinha razão, ela era realmente super protetora e sabia que o pai tinha muito a ensinar aos filhos sobre coragem pra enfrentar a vida. Então, ambos chegaram a um acordo: Seu Firmino continuaria com a história do caçador, mas agora enfatizando as conquistas e atos heróicos do personagem.

A história do caçador prosseguiu, e nossa curiosidade por ela aumentou. Todos os dias, voltávamos da escola correndo, e nem nos interessávamos por tacar pedra no telhado dos vizinhos, queríamos saber da sina do caçador.

O caçador arquitetou por anos a sua fuga, observando todos os hábitos dos senhores e capatazes. Esforçava-se ao máximo no trabalho para parecer um escravo confiável e submisso.

Certo dia, uma briga estourou na senzala, dois negros disputavam um pedaço de carne de porco. Os capatazes se distraíram divertindo-se com o espetáculo. O caçador fez parrelha com um hauçá³ e outro yorubano e fugiram. Este último quase pôs todo plano a perder com a preocupação de apanhar uma galinha preta para fuga.

Depois de um dia de caminhada o caçador ajudou o *ijexá*⁴ com a galinha. Pararam em uma encruzilhada, enquanto um segurava o outro a estrangulou, oferecendo-a a Exu⁵,

³ Grupo étnico de cultura africana islamizada, identificados na Bahia como Malés, do tronco lingüístico Yorubá

⁴ Grupo étnico do tronco lingüístico Yorubá

⁵ Èxù é um Orixá africano, também conhecido como: Exu, Esu, Eshu, Bara, Legbá, Elegbara, Eleggua, Aluvaiá, Bombo Njila, Pambu Njila. Cidades onde se cultua Exú: Ondo, Ilesa, Ijebu, Abeokuta, Ekiti, Lagos. Exu é o orixá da comunicação. É o guardião das aldeias, cidades, casas e do axé, das coisas que são feitas e do comportamento humano.

para que este facilitasse os caminhos para fugitivos e fechasse pra os perseguidores. O hauçá tentou impedi-los, pois o rastro seria uma pista para os perseguidores, além do mais, ele se incomodava com tais práticas religiosas.

Porém, o ijexá disse que precisavam confiar no Mensageiro. Não havia tempo pra discussões, os três prosseguiram a viagem por dias, semanas, talvez até meses... O ijexá ficou com os pés muito feridos e não podia mais prosseguir, foi deixado pelos companheiros aos cuidados de uma grande árvore.

Embrenhadas mata adentro os homens se encontravam perdidos, cansados, famintos e sedentos. O caçador pensou que Exu devia ser um deus muito poderoso, pois havia dado conta dos capatazes. No entanto, ainda havia todos os riscos da mata a ser enfrentado. Ouviram alguma coisa, passos talvez, não... Era barulho de água correndo...

Os fugitivos finalmente chegaram ao leito do rio, que corria como a esperança dos dois andarilhos de chegarem há algum lugar. Os homens sentiram uma presença em suas costas, ao se virarem se depararam com um jovem pataxó⁶. Um instante de silêncio atravessou os homens... E o indígena sem dizer uma palavra deu as costas e saiu correndo por dentro da mata. Os homens titubearam por um instante, mas por fim decidiram seguir o nativo, que se apressava.

Como num passe de mágica, o pataxó havia desaparecido, no entanto era possível seguir seu rastro. Seria que era uma emboscada?

Pro alívio meu e dos manos, que nos retorciámos com a dramaticidade do velho, os homens chegaram ao Quilombo de Cachoeira. *Mas o que é um quilombo?* Ingenuamente perguntei ao meu avô. Vixe! O homem se arretou e perguntou impaciente para que diabos íamos à escola. Que deveríamos perguntar a professora o que era um quilombo e que a história estava encerrada.

Ele é quem deve receber as oferendas em primeiro lugar a fim de assegurar que tudo corra bem e de garantir que sua função de mensageiro entre o Orun e o Aiye, mundo material e espiritual, seja plenamente realizada.

⁶ Os Pataxós são um povo indígena de língua da família Maxakali, do tronco Macro-Jê.

A professora, sem muito entusiasmo, disse qualquer coisa sobre um lugar onde os negros fugidos se escondiam, não conseguindo deixar claro para pequenos curiosos a importância dos quilombos na formação cultural do povo brasileiro, já que estes eram espaços onde os negros podiam resgatar suas matrizes culturais africanas e reinventá-las, ao confrontá-las com experiências étnicas diferentes, inclusive no diz respeito ao contato com os indígenas e brancos.

Não me conformei com o desinteresse de meu avô pela contação. Apesar de saber que o velho era mesmo de lua e que se aborrecia fácil. Não insisti na idéia de Seu Firmino continuar com história, pois a minha mãe disse que ele nunca muda de idéia. Mas a partir daquele dia passei a ser o rabo dele... Era assim que ele me apresentava, completando a frase: - *Aonde eu vou, ela vai atrás!*

Como se fosse possível, por meio da convivência, arrancar da sua alma a continuação da história do caçador. Passei a criar minhas próprias narrativas, vire e mexe era pega falando sozinha, inventando possíveis finais para o caçador, em umas ele ficava rico e em outras se casava com uma mulher linda e loura, apresentadora de programa infantil.

Se Seu Firmino revelasse exatamente a sua idade, seria ainda mais fácil montar o quebra cabeça, mas mesmo sem essa peça importante posso imaginar o destino do caçador, quero dizer, de meu avô – o Seu Firmino, já que em nossa convivência, principalmente nos momentos insôbrios, o velho deixava muitas pistas para uma boa observadora.

Acho provável que Seu Firmino tenha passado tempos de quilombo em quilombo, entre o Recôncavo Baiano e Salvador. Entre atacar e ser atacado, talvez Seu Firmino tenha sido capturado algumas vezes, mas dada a sua astúcia e privilégio de ter o corpo fechado, tenha arranjado um jeito de fugir novamente.

Ao menos nos quilombos Seu Firmino podia gozar do direito de cultuar seus ancestrais fazer seu batuque e se arriscar nos primeiros golpes do que hoje conhecemos como capoeira. Direito esse, que de um jeito ou outro, o velho deve ter arrastado paras as senzalas e terreiros da casa-grande.

Atrás da nossa casa, no Jardim São Luis, em um terreno grande comprado com no mínimo uns trezentos anos trabalho de Seu Firmino, e que agora abriga quatro de seus cinco seus filhos com suas respectivas famílias, tem uma pequena horta e ainda um galinheiro, que o velho cuida com muito jeito. No dia em que o primo lá do quintal morreu baleado em frente de casa, jurado de morte por um traficante do bairro, Seu Firmino não derrubou uma só lagrima, mas ficou a noite inteira olhando pra horta, e nem me viu, espiando na janela, quando desabafou: - *Por mim não tinha nada de Salvador, nem de São Paulo, ficava mesmo em São Felix cuidando de roçado, mas terra que é de ninguém de homem preto não pode ser...*

Não posso imaginar como em tantos anos, séculos até, Seu Firmino manteve seu segredo sem ser percebido. As sucessivas mudanças de cidade forjadas no pretexto, de certa forma real, de busca de novas possibilidades de sobrevivência, devem ter colaborado com o mistério.

A história de Seu Firmino não cabe em dez mil caracteres, mas pra finalizar posso adiantar que velho ainda não morreu, tá vivo na roda de capoeira ou em um samba de umbigada.

Por Maria Macária